

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 18

DOMINGO - 11 de Outubro de 1953

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENGA

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Diário

O velho sensato, conformista, resignado; o jovem desinteressado «porque não vale a pena», «porque não se consegue nada», «porque isto foi sempre assim»; a pessoa bem instalada na vida e que, por isso, gosta da vida mesmo assim... Eis aí os que abominam. Dizem melancolicamente:

— Que podemos nós, com estas pobres mãos? Não tenhamos a pretensão de revolver o mundo!

Cruzam os braços—Budas de bariga cheia—e fecham os olhos para que se lhes não veja a alma. Mentem. Sim, com estas mãos—onde uma veia azul discorre um sonho suave—posso revolver o mundo. Apenas é preciso juntá-las a outras mãos e com elas rodear a terra, como quem deita uma sebe à volta do jardim.

Apontamento

Toda vestida de branco. O véu balouçando à aragem leve. Os sapatinhos de gata-borracheira. Na testa, as flores de laranjeira artificiais. Sorri para o fotógrafo, ao entrar para o automóvel. Um sorriso artificial, como as flores de laranjeira.

Isto caracteriza

Hollywood fabrica fitas de guerra, cómicas. Verdadeiramente trágico, não acham?

Distância

Ter esperança é sobreviver. Escrevi esta frase, que veio ao bico da pena, não sei de onde. Escrevi-a—e gostei dela. Ponho-a na alma como quem põe uma flor na lapela. Não, antes como quem planta uma vela no barco.

Cabeça erguida

Às vezes, penso na humildade, no «ar de culpa» com que vamos pedir trabalho. E depois fica-se tão agradecido. «Muito obrigado, senhor Fulano, obrigado, senhor Sicrano». Parece que se recebeu qualquer coisa a que não tivéssemos absolutamente direito.

A cómoda teoria

De quando em quando, ficam-me diante dos olhos as palavras daquele instrutor de ginástica: «Já disse! Cabeça quieta. Movimentar só braços e pernas. A cabeça aqui não é precisa para nada». Teoria, afinal, que muita gente apregoa.

O Governador Civil do Algarve

visitou a vila de Olhão

No passado dia 3, visitou esta vila o sr. Engenheiro Mascarenhas Gaivão, ilustre Governador Civil do Algarve, que, juntamente com o Presidente da Câmara deste concelho, sr. Lourenço Mendonça, tratou de vários assuntos de interesse, em especial de medidas a tomar relativamente, à assistência.

Era aguardado nos Paços do Concelho pelos srs. vereadores e por numerosos funcionários administrativos.

Visado pela Comissão de Censura

FEIRA DA PRAIA

REALIZA-SE HOJE

AMANHÃ E DEPOIS

A TRADICIONAL FEIRA DESTA VILA

NO RECINTO que lhe é habitualmente destinado, na Avenida Marginal, que a Câmara teve, este ano, o cuidado de mandar ornamentar convenientemente, dotando, além disso, todo o recinto com profusa e interessante iluminação, inicia-se hoje, com continuação na segunda e terça, a tradicional feira desta vila.

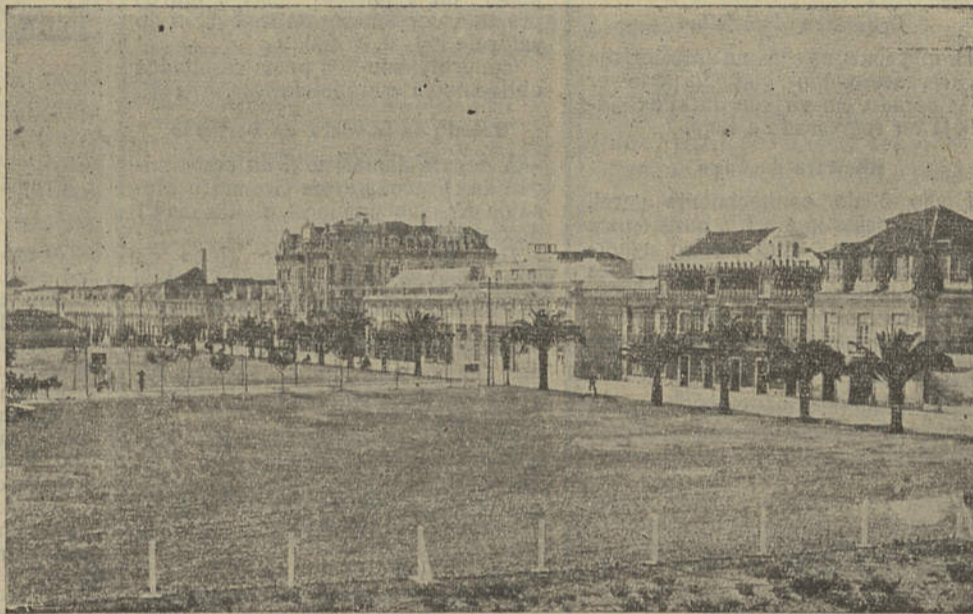
São três dias de bulício, de movimento, com os alto-falantes a despejarem, de manhã à noite, à mistura com fados melancólicos ou canções de ritmos dinâmicos, uma ensurdecadora propaganda, em que se confundem o equilibrista do Circo Vitória, as pre-históricas «garotas» do Americano, as «farturas» do Xico da Paqueta, «mais uma grandiosa corrida» dos automóveis eléctricos, o unguento dos calos e a estentóica voz do «cura-tudo», apregoando as excelências da inevitável banha de cobra!

O motociclista do «Poço da Morte» fará «plissados» nos nervos da assistência, enquanto os amadores de sensações mais suaves procurarão, em conveniente companhia, as escuridões propícias do «Tunel

Mistério», onde nem haverá tempo para reparar nos fantasmata...

A garotada deliciar-se-á nas voltas dos «carrousséis», e os

(CONCLUÍ NA 5.ª PAGINA)



Avenida da República — Recinto onde se realiza a feira

UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA LOCAL

A acção da Junta de Freguesia

DESTA VILA

SUAS NECESSIDADES E ASPIRAÇÕES

—narradas ao «Noticias do Algarve»
por dois dos seus dirigentes

A NATURAL curiosidade jornalística, impulsionada pelo interesse que dedicamos a todas as coisas relacionadas com o movimento da nossa terra, levou-nos, há dias, a visitar as instalações da Junta de Freguesia. Foi na altura em que, no seu refeitório, se prestava a útil assistência que a Junta dedicadamente mantém:—fornecer gratuitamente aos pobres e indigentes uma refeição diária. Algumas dezenas desses desprotegidos da sorte, gente sem recursos e de idade já avançada, alinhavam-se nas várias mesas.

O carinho evidenciado pelas serventes, que distribuíam a refeição, punha uma nota suavizadora no melancólico ambiente, como a procurar fazer esquecer aqueles comensais as razões por que o Destino os empurrara para os serviços da caridade pública.

Percorremos, depois, as restantes dependências, nas quais verificámos uma apreciável ordem de arrumação e, sobretudo, asseio. Naturalmente, visitámos o gabinete reservado à sua direcção. Por feliz acaso, dois dos seus directores estavam presentes, ocupados na

Crónica de Lisboa

LISBOA sempre gostou de tudo o que lhe pudesse dar a sensação de que é uma grande cidade. Como um pedinte se a ilusão de que se tinha tornado milionário! E' o que explica o sucesso dos passeios turísticos «Lisbon by night». Explica, também, o êxodo de domingo passado...

A Lisboa fútil, elegante e exibicionista, essa Lisboa feminina que nós conhecemos e cujos defeitos acarinhámos mais do que as próprias virtudes, deslocou-se em peso ao Hipódromo de Cascais. Não lhe foi difícil aperceber-se, com aquele fero de que tem dado bastas provas, onde estaria, nessa tarde, o mais puro chiquismo e o mais requintado snobismo.

As pistas de cinza e as brancas bancadas de cimento armado voltaram a animar-se, depois dum largo interregno. Os automóveis convergiam, entre nuvens de pó, para a formosíssima mata da Marinha. Os autocarros esperavam com paciência pelos comboios, recebiam a baldeação dos passageiros e despejavam-nos, mais tarde, mesmo junto às bilheteiras. Era todo um Mundo em movimento.

As senhoras passeavam os seus últimos chapéus e os seus últimos vestidos. E, como o acesso ao Hipódromo estava mal organizado, lançavam-se destemidamente em corta-matos ástivos, cobrindo os sapatos duma finíssima poeira avermelhada e rompendo as meias finíssimas, nas irrespeitosas urzes do campo. Tudo lhes era profundamente indiferente. Sentiam no peito aquele fogo sagrado de misticismo e aventura, que séculos atrás tinha lançado os descobridores na senda de Mundos ignorados. Para a frente é que era o caminho!

Havia Aposta Mútua... São umas palavras milagrosas. Qualquer modesto cidadão sente invadi-lo aquela fibra de jogador que se esconde, silenciosamente, no mais íntimo do seu ser. Tem a

(CONCLUÍ NA 5.ª PAGINA)

Comparticipações

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo do Desemprego, três importantes participações para obras no Algarve.

Para a Câmara Municipal de Portimão, concedidos 152 contos, destinados a trabalhos de urbanização do Bairro dos Pobres.

Com destino à construção de casas para as classes pobres, em Silves, foram atribuídos 40 contos à Santa Casa da Misericórdia daquela cidade.

A Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, uma participação de 264.659\$30, para a construção da doca de pesca de Olhão (2.ª fase) e da rede de esgotos da zona adjacente.

JOAQUIM DA PALMA RITA

Foi nomeado chefe da Secção de Processos da comarca de Sintra, onde passou a residir, o nosso querido amigo e conterrâneo, sr. Joaquim da Palma Rita, que desempenhava as funções de ajudante de chefe de Secção, no 3.º Juízo Correccional da comarca de Lisboa, onde também prestou vários serviços, em comissão, em cargos inerentes à sua categoria, pelo que sinceramente o felicitamos.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Fixou residência em Lisboa, onde foi colocado na Direcção de Finanças, o nosso prezado amigo, sr. José Júlio Galhardo Palmeira, irmão do nosso prezado assinante rev.º Padre Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, pároco da nossa freguesia.

Regressou das suas férias a sr.ª D. Arminda Baptista do Rosário, professora da Escola Primária Feminina, esposa do nosso prezado assinante e amigo, sr. Francisco do Rosário.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado assinante, sr. José António da Cruz Palermo, 1.º Cabo Mecânico, da Base Aérea da Ota, filho do sr. António José Palermo.

Retirou para o Instituto Nun'Alvares, onde foi continuar os seus estudos, o sr. José Eduardo Horta Correia, filho do nosso estimado assinante, sr. Dr. António V. Horta Correia.

De visita a sua família, esteve entre nós o nosso assinante, sr. José Correia Castanheira, funcionário da Caixa G. D. C. e Previdência, em Lisboa.

Igualmente, esteve nesta vila o sr. José Manuel Pereira Camarada, funcionário da Caixa G. D. C. e Previdência, em Lisboa.

Esteve nesta vila o nosso amigo e assinante, sr. Diamantino Cardoso.

Foi a Lisboa, tendo já regressado, o nosso prezado amigo e assinante, sr. António Pinheiro Júnior, conceituado comerciante da nossa praça.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, o nosso prezado assinante, sr. Manuel Medeiros Bravo, filho do nosso amigo sr. Manuel Bravo Gomes.

Esteve nesta vila, com curta demora, o nosso prezado assinante, sr. Domingos Sancho de Sousa Uva, conceituado industrial, na nossa província.

Foi a Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante, sr. João Cumbreira Ramirez, sócio-gerente da firma Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso querido amigo, sr. Jacinto Pinto, distinto chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Albufeira.

Esteve nesta vila, o sr. Miguel Socorro Domingues, actualmente prestando serviço militar em Lisboa.

Retirou para Lisboa, o sr. António Casimiro de Lima, funcionário da «Sabor» naquela cidade.

De visita a sua família, encontra-se nesta vila, o sr. Vital d'Avila Avilar, nosso prezado assinante em Lisboa.

Retirou para Lisboa, acompanhado de seu tio, sr. Francisco Correia, o estudante sr. Rui Correia Pacheco, filho do nosso estimado assinante, sr. Capitão Inácio Monteiro Pacheco.

Regressou de Espanha, onde foi passar as suas férias com sua esposa, o nosso prezado assinante, sr. Dr. José Cavaco.

Retiraram para Lisboa, os estudantes, srs. João Manuel Abecassis Correia e Eduardo Pessanha Mateus.

Encontra-se entre nós, a sr.ª D. Celeste Gonçalves Conceição, esposa do nosso amigo e assinante, sr. João Gonçalves Conceição, chefe da Estação dos Caminhos de Ferro, em Cuba.

De visita a seus pais, esteve nesta vila, o sr. Manuel D. Guerreiro, filho do nosso prezado assinante, sr. António Joaquim Guerreiro.

Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso prezado assinante e amigo, sr. José Burgo Fernandes, que se encontra temporariamente em Silves.

Para assistir à tradicional Feira da Praia, encontra-se nesta vila, a nossa prezada assinante, sr.ª D. Maria da Piedade Franqueira Reis, que está prestando serviço nos C. T. T., em Faro.

Casamento

Realizou-se, no passado dia 30 de Setembro findo, o casamento da sr.ª D. Maria Belo Pereira, filha da sr.ª D. Isabel da Assunção Belo Pereira e do sr. António Vasques Belo Pereira, com o sr. Fernando Gomes Martins, filho da sr.ª D. Ludovina Gomes Néné e do sr. José Martins.

Foram padrinhos, por parte da noiva,

Noticiário da Província

PORTIMÃO

Empreza Orquestra Semifísica, Lda.

Com a recente mudança da hora, iniciou-se a nova temporada de inverno, no Cine-Teatro, propriedade da Empreza Orquestra Semifísica, Lda., desta cidade.

A nova época do cinema iniciou-se com a projecção, em matinée e soirée, do filme da Paramount «Entre Duas Lágrimas», produção de William Wyler, tendo como protagonistas principais Jennifer Jones e Lawrence Olivier, filme que satisfaz plenamente e marcou o início de uma temporada de bons filmes, ao que parece. Entre várias, estão anunciadas obras de indiscutível valor: «Duas Causas», excelente filme português e outros do consagrado cinema italiano, tais como: «O Caminho da Esperança», «Humberto D.», «Amanhã será tarde» e «O Professor divertiu-se», com Walter Chiari, extraordinário cómico italiano.

Saudando a Empreza Orquestra Semifísica, desejamos francas prosperidades.

Orquestra «Pax-Julia»

Propusemos, na semana anterior, um alvitre, tardio, aliás, que não pôde ser considerado, em virtude da «Pax-Julia» já ter regressado a Beja.

Abertura da Caça

Como é do conhecimento geral, abriu, no passado dia 1, a nova época oficial da caça. Pelo motivo, aguardado com interesse pelos praticantes dessa modalidade, foram inúmeros os indivíduos que se espalharam pelos campos, voltando todos mais ou menos satisfeitos, mais ou menos machados!

Mas, de facto, a época apresenta-se propícia, pois existem exemplares com abundância e assim os mais infelizes, no primeiro dia, aguardam desforrar-se na primeira ocasião, o que conseguirão com facilidade, sem dívida, dada a sua perícia, na abundância de aves existentes.

Mercado Mensal

No dia 5, realizou-se nesta cidade e nos habituais terrenos do Largo do Dique, o mercado de Outubro, que foi bastante fraco em transacções, tanto para o comércio local, como para os feirantes.

Novo estabelecimento

Na Rua França Borges, principal artéria comercial de Portimão, foi há dias inaugurada uma sucursal da «Padaria Liz», que substituiu assim um antiquado estabelecimento de mercearia, dando na sua simplicidade de linhas arquitectónicas interiores, novos aspectos ao local.

Pena é, realmente, que o exemplo não seja seguido por outros comerciantes. Só assim se conseguiriam novos aspectos ao local, com estabelecimentos amplos e arejados, embora simples na sua construção.

Aplaudimos a iniciativa da «Padaria Liz», embora o comércio de padaria esteja um tanto deslocado, junto aos estabelecimentos de modas.

1.º Circuito de Portimão — em bicicleta

Chegaram a Portimão, no passado dia 4, os componentes da VII Volta ao Algarve em Bicicleta, que disputaram pouco depois os valiosos prémios da etapa, num movimentado Circuito, denominado I Circuito de Portimão, e que compreendeu 10 voltas em linha, no percurso das Avenidas n.º 2 e 3 do Dique.

Este espectáculo, englobado na VII Volta ao Algarve, iniciativa do Atlético de Loulé e patrocinado pelos jornais «O Primeiro de Janeiro», «Norte Desportivo» e «A Voz de Loulé», reverteu a favor da Comissão Municipal de Assistência de Loulé e do Hospital da Misericórdia de Portimão, tendo registado a presença de bastante público.

Festas de beneficência Santos Populares de 1953

Esta brilhante organização, que obteve muito justamente o maior exi-

a sr.ª D. Maria Isabel e seu esposo, sr. Joaquim Cavaco, e pelo noivo, a sr.ª D. Isabel Socorro Domingues e seu esposo, sr. Manuel da Silva Domingues.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Doente

A fim de sujeitar-se a um tratamento clínico especializado, seguiu para Lisboa o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Fernando Morais Rodrigues.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

to, concorreu para que entrasse nos cofres do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Portimão, a importância de Esc. 29.583\$25, saldo positivo dos festejos levados a efeito com a colaboração de bons e dedicados amigos de Portimão.

A Comissão Organizadora, procedeu à elaboração dum Inventário de «stands», material eléctrico, vedações e outros acessórios, cujo valor orça pelos 30.500\$00, o que, junto àqueles, atinge Esc. 60.083\$25, lucro líquido das Festas dos Santos Populares, de 1953.

IV Rally Automóvel da Praia da Rocha

Pela Comissão Organizadora do IV Rally Automóvel da Praia da Rocha, a que mui dignamente preside o sr. António J. Reis Mimoso, foram entregues à Santa Casa da Misericórdia de Portimão, Esc. 6.879\$70, saldo da competição desportiva levada a efeito nos dias 29 e 30 de Setembro findo.

As despesas com cada organização atingiram Esc. 16.111\$80, ficando em poder da Comissão taças e outros prémios, que não foram atribuídos, no valor de Esc. 2.100\$00.

Congratulamo-nos pelos resultados obtidos com estas iniciativas.

Grémio da Lavoura de Portimão

A seguir, damos nota da constituição da Direcção deste Grémio e Mesa da Assembleia Geral, eleitas em 21 de Setembro findo.

Direcção — Presidente: João da Costa Serrão. Vogais: João Martins Morgado e José Plácido Moniz Barreto.

Substitutos — Presidente: José Mendes Tengarrinha Júnior. Vogais: Alberto Ramos Mendes e Joaquim da Purificação Mendes.

Mesa da Assembleia Geral — Presidente: Dr. Frederico Ramos Mendes; Vice-Presidente: Dr. António Lopes Teixeira; Secretários: Joaquim Carlos Guerreiro Vieira e José dos Reis Baptista.

III — Concurso de Pesca Desportiva em Lagos

Neste emotivo concurso desportivo, levado a efeito em Lagos, no dia 20 de Setembro findo, esteve o Portimonense Sporting Clube excelentemente representado, obtendo as melhores classificações, quer individuais ou por equipas.

Assim, numa vibrante vitória desportiva, os representantes do Portimonense Sporting Clube, pescadores-amadores, conseguiram trazer para a nossa cidade, a impressionante soma de 12 taças, algumas bastante valiosas, e 8 medalhas, entre elas 2 prateadas, sendo as restantes douradas.

Registamos o facto com prazer e endereçamos parabéns aos classificados e ao Portimonense Sporting Clube, que tão altamente se colocou nesta competição.

Crise Comercial

Após um reduzido período de razoável negócio, o comércio desta cidade vê-se novamente a braços com a crise, que até aqui nos tem atingido duramente.

Motivado pela escassez da pesca e ausência de outras indústrias, compensadoras em todos os aspectos os nossos interesses, o comércio local, em pleno mês de outubro, já está a deparar com sérias dificuldades ao seu desenvolvimento e economia.

Porque o assunto é do mais transcendente interesse, voltaremos a ele. Mas entretanto, uma dúvida surge no nosso espírito e que se reduz a isto: — se em outubro o comércio está em crise, o que nos esperará em pleno e agreste inverno, quando mais violentamente somos atingidos?

— Poderá a maioria das casas comerciais manter-se, depois da longa crise que tem atravessado, num período em que não podem melhorar a sua situação?

Não vaticinamos prosperidades ou decadência. Sòmente julgamos ser este um dos nossos mais complicados problemas e, dentro desse conceito, esperamos uma rápida e justa solução ao assunto, pelas entidades competentes.

Notícias Pessoais

Por motivos profissionais, retirou para Lisboa o sr. Cipriano Alves, distinto professor oficial, que residiu nesta cidade, aproximadamente 25 anos.

Cipriano Alves, que conta em cada Portimonense um amigo, indivíduo fluente e defensor acérrimo dos interesses de Portimão, é pessoa imensamente considerada em Portimão, pelo que a notícia da sua partida deu motivo a diversas manifestações de ami-

SILVES

Cantina Escolar

Realizou-se, nesta cidade, ontem, a inauguração oficial do novo edifício da Cantina Escolar «D. Adelaide Mascarenhas Vieira e Silva», tendo havido uma sessão solene, pelas 11 horas, na Escola Primária Masculina desta cidade.

Assistiram o sr. Governador Civil do Algarve e sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo-Coadjutor desta Diocese. Descerraram-se os retratos do sr. Presidente da República, do sr. Dr. Francisco Vieira e de sua esposa, e do sr. José Joaquim Sampaio.

Estação do Correio

A estação do correio desta cidade encontra-se, por vezes, apenas com uma funcionária ao serviço, dando lugar a grande aglomeração de público a esperar por vez, no que se perdeu imenso tempo. — C.

Francisco Arroja Beatriz

MONTIJO

30 de Setembro de 1951

Ex.º Sr.

Proprietário da «Pensão Mateus»

Vila Real de Santo António

Acuso a recepção do v/ prezado postal e da caneta, que muito agradeço.

Não teria sido difícil, chegar à conclusão de que era minha a caneta que foi achada, pois esta apresenta as características que eu lhe havia fornecido. Porém, quero testemunhar o meu reconhecimento, pela correcção e honestidade que V. S.ª patenteou de maneira tão pouco vulgar, nos tempos que vão passando.

Apresentando os meus respeitosos cumprimentos, me subscrevo com elevada consideração.

De V. S.ª

Muito Atenciosamente,

(a) Beatriz

Não hesite, anuncie no «Notícias do Algarve» e verá aumentar as suas vendas.

zade, das pessoas com quem convivia. Desejamos-lhe felicidades no futuro.

Há já algum tempo que se encontra entre nós, o sr. António Santos Pereira, proprietário dos S. T. O. P. — Serviços Técnicos Organizadores de Publicidade, que está a preparar uma revista intitulada «Guia Profissional do Distrito de Faro».

Falecimentos

Dr. Luís José Valentim Gonçalves

Vitimado por colapso cardíaco, faleceu o sr. Dr. Luís José Valentim Gonçalves, de 65 anos de idade, natural de Pinhel, mas residindo há mais de 30 anos em Portimão, onde exercia o cargo de médico municipal.

O extinto, que gozava da maior simpatia e estimação, nesta cidade, deslocara-se de manhã a um local dos arredores da cidade, a fim de se entreter na caça, onde se deu o infausto acontecimento.

O seu funeral, a cargo da Agência Figueiras, constituiu prova eloquente da amizade que os seus amigos lhe tributavam, tendo-se incorporado no cortejo fúnebre as mais altas individualidades representativas dos organismos de Portimão, e toda a classe médica e inúmeras pessoas das suas relações.

Lamentando o triste acontecimento à família enlutada, e em especial à sua esposa, sr.ª D. Helena Serpa Valentim, o «Notícias do Algarve», apresenta as suas mais sentidas condolências.

José Pereira de Sousa

Faleceu, no passado dia 30 do mês findo, o sr. José Pereira de Sousa, de 80 anos de idade, proprietário, natural de Monchique e pai dos srs. Francisco Pereira de Sousa, José Pereira de Sousa Júnior e Arnaldo Pereira de Sousa.

O funeral do extinto, que sofria de prolongada doença, realizou-se no dia imediato para o cemitério local, tomando nele parte inúmeros amigos do extinto e da família.

Apresentamos sentidas pêsames à família enlutada, em especial ao sr. José Pereira de Sousa Júnior, nosso particular amigo e conceituado comerciante em Portimão. — C.

AGENDA

Movimento da Bota de Vila Real de Santo António de 2 a 8 de Outubro:

Traineeiras:	
Maria Rosa	17.955\$00
Liberta	16.410\$00
Pérola do Guadiana	15.353\$00
Levante	12.020\$00
Brisa	11.745\$00
Tufão	11.020\$00
Flor do Sul	11.010\$00
S. Domingos	10.070\$00
Flor do Guadiana	9.700\$00
Leste	9.620\$00
Norte	7.760\$00
Raulito	5.540\$00
Persistente	3.690\$00
Briosa	2.530\$00
Alvarito	560\$00
Total	144.983\$00

Cercos:	
Amazona	4.190\$00
S. José 3.º	910\$00
Total	5.100\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 2 a 8 de Outubro:

Entrados:	
MURTEN, Suíço, de 511 toneladas, de Tãnger, com carga diversa.	
COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, com adubos.	
SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Setúbal, vazio.	
ROLANDSECK, Alemão, de 857 toneladas, de Cádiz, com carga diversa.	
GORGULHO, Português, de 1.196 toneladas, de Lisboa, com carga diversa.	
Saídos:	
MURTEN, Suíço, para Leixões e Génova, com conservas.	
GORGULHO, Português, para o Funchal, com carga diversa.	

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 10 a 16 de Outubro, a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

Movimento da Santa Casa da Misericórdia

de Vila Real de Santo António

Durante os meses de Janeiro a Setembro

1953	Consultas	Tratamentos	Internamentos	Maternidade
1.º trimestre	270	695	55	26
2.º trimestre	251	1.078	42	29
3.º trimestre	608	1.966	61	37

NOTA — O número de internamentos baixou no 2.º trimestre e manteve-se no 3.º, por ter havido que utilizar uma das enfermarias para obras, tendo-se solicitado dos Ex.ºs Clínicos da Vila que reduzissem os internamentos ao mínimo indispensável.

Deseja felicitar um seu amigo? Faça-o por intermédio do **Rádio Informador** (Secção de Discos Dedicados)

Traineeira «Norte» e Enviada «3 Primos»

Em relação ao aviso de 25 de Setembro findo, do sr. Alberto Viegas Barriga, o signatário, co-proprietário na proporção de 50 por cento quanto às embarcações acima referidas, vem dar conhecimento, publicamente, por este comunicado, que todas as suas intervenções, como co-administrador das mesmas embarcações, têm primado pela sua correcção, tendo por objectivo uma sã e honesta exploração das suas actividades correspondentes, e que o mencionado aviso, sem qualquer explicação concreta do que o motivou, parece ter o propósito de colocar mal o signatário perante o comércio, indústria e entidades bancárias desta praça.

Mais regular seria que, em tal aviso, se explicassem os motivos do seu conteúdo, para não ficar pendente uma suspeita desprimorosa sobre a honestidade do signatário, insinuação que este, enérgicamente, repele.

Vila Real de Santo António, 1 de Outubro de 1953.

Júlio Mateus

(Segue o reconhecimento)

ACTIVIDADES

da "Casa do Algarve"

APÓS importantes melhorias nas suas instalações, que deverão estar concluídas antes de 18 do corrente, a «Casa do Algarve» iniciará nesta data, em ambiente completamente remoçado, as actividades da nova época cultural e festiva, com uma elegante «Tarde Algarvia», que se repetirá em 25. Para 31, a Comissão Cultural projecta a realização de uma sessão solene de homenagem à memória do recém-falecido poeta Cândido Guerreiro, o glorioso autor do «Promontório Sacro» e do «Auto das Rosas de Santa Maria», de cujos primeiros trabalhos Guerra Junqueiro já escrevia em 1904: «Os seus belos sonetos encantaram-me. Anunciam um grande poeta, ávido de verdade, não a verdade anedótica e transitória, mas a verdade essencial e profunda, a verdade eterna». E ainda: «Todos os sonetos ao seu Algarve, maravilhosos. Alguns sublimes».

Por todo o mês, será publicado e distribuído gratuitamente a todos os sócios o n.º 2 do Boletim da colectividade, num belo fascículo de 48 páginas, com estudos diversos sobre problemas do Algarve, movimento associativo e um curioso documentário gráfico.

Assim é que está certo...

O facto de já se poder contar com o fornecimento de energia eléctrica aos domingos, logo na parte da manhã, traz satisfeitos os respectivos consumidores, a avaliar pelas referências de aplauso que temos ouvido.

De resto, não estava certo que, como se verificava, os vilarealenses só tivessem energia eléctrica, nesses dias, mais ou menos à hora de começarem os relatos radiofónicos dos jogos de futebol, como se o movimento da nossa vila estivesse relacionado ou dependente dos jogos futebolísticos realizados no Porto, Lisboa ou Braga.

A electricidade faz-nos falta logo de manhã, sem distinção de dias.

Assim é que está certo. E os serviços de fornecimento de electricidade, ao preencherem esta lacuna, têm a concordância do público consumidor... que, afinal, é esse que paga e merece ser servido.

GAZETILHA

FEIRA

A feira, a «que traz mais moscas e muitas barracas tostas», visita-nos, novamente, com seu cortejo vibrante de balbúrdia estonteante que põe surda toda a gente.

São dúzias de microfones numa grita de trombones, na maior das algazarras, tentando atrair quem passa e escuta tanta chalaça sob a luz das gambarras.

Seja noite ou seja dia não descança a berraria enquanto durar a feira, e o Povinho ensurdecido por um tão forte alarido lá goza à sua maneira:

Val nas pistas de automóveis, compra as loiças, olha os móveis comé nozes, figos, pêros e não gastá mais escudos porque os tempos vão «bicudos», não permitindo exagêros...

BIN OCLO

PRELÚDIO

Na gélida visão do meu passado,
Há negrume e há noite, noite escura.
Há sombras onde a sombra do pecado
Me parecia envolta de candura!

Meu coração marmóreo não pulsava,
Minh'alma amortecida não vivia.
Estavas junto de mim, e eu não te amava,
Ou já te amava muito... e não sabia...

Deus tinha-me criado para ti,
E, para te encontrar, eu conheci
As ciladas dum mundo malfazejo.

Mas encontrei-te, amor! Foi-se a tristeza,
Que a vida é sempre plena de beleza...
Se há duas bocas juntas, num só beijo!

28, Setembro, 1953

PENÉLOPE

De vez em quando...

PRAIAS

É PORQUE o meu filho tem o seu serviço assente em Montelavar, aqui vim passar umas semanas, depois de ter estado um mês na terra sem nome.

Montelavar e Pero Pinheiro, são duas irmãs gémeas, que vivem de costas voltadas uma para a outra, ligadas, entretanto, pelo cordão umbilical da mesma indústria: a pedra. Circundam-nas boas terras de sementeira, um tanto abandonadas, por o homem se dedicar mais à extracção e ao lavar do mármore, que mais lhe rende.

Daqui, fiz centro para algumas excursões: fui a Sintra e ao Palácio da Vila, que ainda não conhecia; à Praia das Maças e suas vizinhas, as Azenhas do Mar. Em outro dia, a Mafra, com a enorme mole do Convento, já me conhecido, e à Ericeira.

Praias bonitas são estas—palmas de areia encastoadas em bravas penedias, e que quase desaparecem, quando a maré enche ou o mar embravece.

Pois não conseguiram elas, matar-me a saudade do nosso Monte Gordo, onde tantos anos, levei meus filhos num descuido, quase completo, pela segurança da areia e pela lealdade do mar ali nosso verdadeiro amigo.

É uma verdadeira praia—ampla, limpa, clara, iodada, bagos de ouro,—excepcionalmente, a praia das crianças.

—Mas, aqui entre nós, não lhes parece que a aristocrizam demasiado? E quem ganhou com isso? Não seria preferível deixar no fundo do baú os pergaminhos dos ancestrais, alguns tão recentes, que, ainda deixam, nas mãos, tinta de cor duvidosa?

Pois, senhores, das praias que conheço, ainda dou a primazia a Monte Gordo.

Trindade e Lima

A quem de direito

ILUMINAÇÃO

A antiga Praça 5 de Outubro, onde fica situada a Escola Primária Feminina, apresenta uma iluminação deficientíssima, que talvez pudesse ser facilmente remediada, com 4 candieiros em redor da escola.

Alguns moradores no sítio das Hortas, na sua maioria proprietários, pedem-nos que solicitemos à Ex.ª Câmara para que prolongue a rede de iluminação até onde for possível, de modo que a população deste arrabalde possa colher, enfim, os benefícios da electricidade, para suas casas e para regas dos campos.

PARA SI
minha Senhora

Melódiosa como a harpa,
enganadora como um madrigal,
doce como a maternidade
—eis a moda italiana para 1954

por Noémia Gil Faria

ENQUANTO na França triunfaram, não há dúvida, as linhas «coluna», «pilar», «cúpula», «viola», «zimbório» e «Torre Eiffel», na Itália venceram as linhas «harpa», «balalaika», «maternidade» e «madrigal». Podemos dizer que Paris se inspirou mais na arquitectura, e os costureiros de Roma e Florença, na música e na poesia. Com efeito, a única linha que se desvia um pouco desta inspiração é a «maternidade»; mas este nome não será, afinal, o mais belo dos versos?

Os «tailleurs» de meia estação, apresentados durante este mês, foram, dentro de uma grande simplicidade, modelos realmente encantadores e, tal como em Paris, para todas as horas do dia, desde o modelo para compras até o dedicado às horas elegantes, sendo estes últimos, quase sempre, confeccionados nas belas sedas naturais italianas. Falemos um pouco das linhas em voga.

A «harpa» é harmoniosa, feminina e delicada, valorizando o busto e tornando a mulher mais pequenina. Sim, minha senhora, mais pequenina. Este ano, a Moda — e aqui tanto a italiana como a francesa — desprezou a mulher alta, esguia e magra, sem busto e sem ancas, trocando-a pela mais pequena e — como eles dizem — redondinha. Parece impossível, mas é mesmo assim. Usam-se o busto e ancas valorizadas e isto só é possível, abandonando-se o bife grelhado sem molho de manteiga, o pão torrado sem a dita e o copo de sumo de limão matinal. Sentemo-nos, pois, alegremente, à mesa e façamos o «sacrifício» de comer... para estarmos na moda, com aquela mesma decisão dos anos anteriores, em que passámos fome (foi mesmo fome) para «manter a linha».

A «balalaika» é triangular e olhada de repente — com muito boa vontade — lembra o popular instrumento russo. A «maternidade» não é, como talvez se julgue, uma faceta da nova moda dedicada às futuras mães. Não. Esta curiosa linha italiana, por meio de drapeados, habilmente dispostos, lembra, realmente, um estado que até aqui se encobria o mais possível, usando vestidos largos — bem cortados — ou aqueles simpáticos casaquinhos de pregas soltas, que as estrelas do cinema americano vestem, quando nos filmes nos querem convencer de que estão à espera «da cegonha» — como lá se diz.

Em Florença, entre vários modelos seguindo esta linha, foi apresentado um lindo vestido de noite, feito de veludo cristal preto. A saia rodada, mas sem exagero, levantava um pouco à frente, por meio de uma prega, na altura da anca. Esta prega, que se escondia debaixo de um grande laço também de veludo, fazia aparecer cerca de quatro centímetros de uma sobre-saia em cetim

IX - O MUNDO MARAVILHOSO DO ATOMO

Radiações dos Elementos Radioactivos

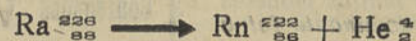
pelo Capitão ANTÓNIO GONÇALVES

COMO já vimos, os rádioelementos naturais podem emitir radiações alfa, beta e gama.

Radiações alfa — Está provado que as radiações alfa não são mais que núcleos de hélio (He⁴) e, portanto, são constituídas por dois prótons e dois neutrões, emitidos com uma velocidade de cerca de um décimo da velocidade da luz.

Os elementos resultantes das transmutações por via alfa têm, pois, menos dois prótons e dois neutrões do que os elementos que lhes deram origem, e devem, portanto, ocupar no quadro de Mendeleieff o segundo lugar à esquerda dos elementos de que dependem.

Exemplo:



Aonde vai o núcleo buscar energia para poder emitir estas partículas com tal velocidade?

Ela é obtida à custa da transformação duma pequena parte da sua massa, de acordo com o princípio de equivalência de Einstein.

Para haver, portanto, emissão alfa, torna-se necessário que a massa do núcleo inicial seja superior à soma das massas das partículas alfa emitidas e do núcleo resultante da transformação.

A perda da massa é normalmente utilizada na energia cinética atribuída à partícula alfa e na excitação energética do núcleo, ficando assim este com um nível energético superior ao que possuía antes da transmutação.

Dum modo grosseiro, podemos comparar a aquisição da energia do núcleo ao que sucede com uma bôca de fogo ao disparar, em que a energia é distribuída pelo projectil e pelo recuo da peça.

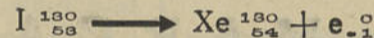
Radiações beta — As radiações beta são electrões emitidos pelo núcleo, a velocidades iguais à da luz, diferindo, pois, das radiações catódicas, pela fraca velocidade destas últimas.

Admite-se que o núcleo tem possibilidades de emitir electrões, pela transformação de neutrões em prótons, o que se pode traduzir pela identidade:

$$n_0^1 = p_1^1 + e_{-1}^0$$

Em virtude deste facto, o elemento resultante da transmutação mantém constante o número massa, e deve ter mais um próton e menos um neutrão, devendo, portanto, ocupar no quadro de Mendeleieff o lugar imediatamente à direita do elemento que lhe deu origem.

Exemplo:



A energia radiante é obtida de modo idêntico ao indicado para a emissão de partículas.

Radiações gama — Como vimos, quer para as transmutações por via alfa ou beta, pode suceder que parte da energia radiante seja utilizada na excitação energética do núcleo.

Quando isto suceder, o núcleo tende a voltar rapidamente ao seu estado normal. A energia de excitação é, então, libertada sob a forma de emissão de fotões gama. Como os fotões não têm carga eléctrica, não podem ser desviados pelos campos electromagnéticos.

As radiações gama são, de todas as radiações electromagnéticas, as que possuem maior frequência, e, portanto, maior poder de penetração.

Parte da energia radiante dos fotões transforma-se em massa, ficando, assim, estes com representação material.

Como veremos à frente, é hoje possível, além dos rádioelementos naturais, obter rádioelementos artificiais, isto é, que não se encontram na natureza.

As transmutações dos rádioelementos artificiais, normalmente, operam-se por vias diferentes das dos rádioelementos naturais. Assim, teremos a considerar:

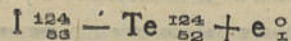
Radiações positónicas — É este um dos processos normais de transmutação dos rádioelementos artificiais.

Admite-se que a admissão de positões se obtém pela transmutação dum próton num neutrão, o que se pode traduzir pela identidade:

$$p_1^1 = n_0^1 + e_+^0$$

Em virtude deste facto, o elemento resultante da transmutação tem menos um próton e mais um neutrão do que o elemento de que depende, mantendo, porém, o mesmo número mássico, devendo, pois, ocupar, no quadro de Mendeleieff o lugar imediatamente à esquerda do elemento que lhe deu origem.

Exemplo:



Radiações X — Certos núcleos, em lugar de emitirem positões, podem capturar electrões dos níveis electrónicos mais baixos, principalmente K e L, transformando, assim, do mesmo modo, os prótons em neutrões.

Este processo é acompanhado da emissão de fotões X, como adiante veremos, cuja frequência é inferior às dos fotões gama, e, portanto, menos penetrantes.

«Azul Margarida», dando a nova linha. Este «azul Margarida» é claríssimo e dedicado pelos costureiros de Florença à «mais bela princesa que, nos últimos anos, tem visitado a Itália».

Quanto à «linha madrigal», é li-

songeira, favorecendo todos os tipos de beleza; nem sempre sincera, pois busca, por meio de artificios ligeiros, mostrar aquilo que não existe; enganadora, porque os seus vestidos parecem casacos e os seus ca-

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

Para si, minha senhora

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

sacos lembram vestidos; mas conquista pela elegância da cintura, marcada sem exageros e pela sobriedade das suas guarnições. Lisongeira, não sincera, enganadora e hábil na conquista. Pois não é um perfeito madrigal?

A moda italiana para 1954 apresenta-se, pois, equilibrada, elegante e, à parte a «maternidade», realmente bonita, sem grandes excentricidades e segura de ser hoje, sem favor algum, uma moda de alta categoria. Isto quanto às senhoras...

O triunfo do homem de cinzento

...quanto aos cavalheiros, ficou assente no Festival da Moda Masculina, realizado em São Remo, com a participação de cinquenta alfaiates, que o homem 1954 vai ser cinzento. Desfilaram muitos modelos em que a nota predominante foi a manga «raglan».

— O cinzento da moda possui vários tons, desde o cinzento «elefante» até o cinzento «chumbo» passando pelos cinzentos «pérola» e «cinza». No caso de o seu marido só ter fatos castanhos e azuis, prepare-se, pois, e corajosamente, para todos estes tons em voga. Não é justo que sejamos nós a delirarmos com o «conhaque» e ele a delirar só com... as contas.

Está indeciso?

Não hesite. A HAVANEZA é a casa que melhor pode servi-lo em todos os trabalhos de fotografia.

Não há, decerto, surpresa no que vai ler-se a seguir: Usa artigos da «Viresa» quem gosta de bem vestir!

É que as confecções «Viresa» nascidas em Vila Real, em perfeição, em beleza, no País não têm rival...



Confecções **Viresa, L. da**
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

No próprio interesse de V. Ex.^a
consulte sempre a

TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
para a confecção dos seus
impressos e carimbos
Telefone 59 Caixa Postal N.º 3

Holland-America Line

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“APPINGEDYK”

carrega em LISBOA em 28 de OUTUBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DURANGO» — 19 de Outubro

«DONGEDYK» — 3 de Novembro

«LOCH RYAN» — 20 de Novembro

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.ª L.ª DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A
CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República—Telefone 12

Armazém

Precisa-se alugar um armazém.

Informa a Redacção deste Jornal.

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232
LISBOA
TELEF: 25764

FOTO-ZINCO
TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCO-GRAVURA
E
DESENHO

Ainda está a tempo!

Faça a sua propaganda nos dias da FEIRA, pelo

RÁDIO INFORMADOR
CENTRO EXTRA ESCOLAR

e verá aumentada as suas vendas

Recebe publicidade
BAZAR DAS NOVIDADES
Vila Real de Santo António



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino
de Miranda & C.ª L.ª

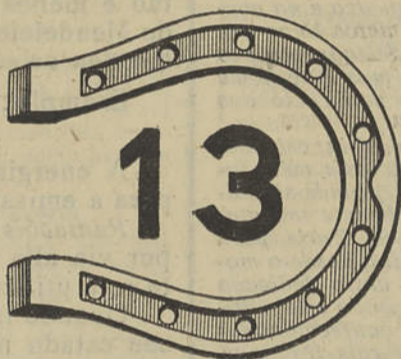
R. S. Francisco, 41—Apartado 205—Porto

Anunciar no «Notícias do Algarve», defensor dos interesses da nossa província, é ter a certeza de aumentar as suas vendas e tornar conhecida os seus produtos.

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa
é o seu Proprietário

AGENTES EM:

África e Brazil

PREÇOS EM CONCORRÊNCIA
PARA TODOS OS MERCADOS

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«Treze», «Portugal», «Raquelita»,
«Minha Última Marca»
e «Aguardente Velha Ribatejo»

PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal

Credit Franco-Portugais

London & South America Limited

Borges & Irmão

Nacional Ultramarino

Angola

Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Português do Atlântico

Caixa Geral de Depósitos

ANTONIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO — Portugal

Telegramas: «TREZÉ»

Telefone { 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

Necessidades e aspirações da Junta de Freguesia desta Vila

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dispomos de um balneário.

Aos indigentes falecidos, providenciamos para os funerais. Auxiliamos os doentes e as crianças na compra de receituário, e oferecemos-lhes uma ração de leite, graças à generosidade da Sociedade Agrícola Fornecedora de Leite, desta vila, que, para isso, nos oferta uma determinada quantidade. Porém, a falta de verbas obrigá-nos, às vezes, a suspender alguns destes auxílios.

—Mas a Junta não conta com receitas, mais ou menos certas, para manter o seu plano de assistência?

—Houve um período em que contávamos com certas receitas. Eram os subscritores a fonte principal das nossas possibilidades. A Comissão Municipal de Assistência também nos tem prestado uma boa colaboração.

Ultimamente, porém, o número de subscritores diminuiu, fixando-se nuns 80, com uma contribuição que não chega a 2.000\$00 mensais, e a Comissão de Assistência, no ano corrente, não tem prestado a sua habitual cooperação. Assim, como é natural, esta baixa de receitas dificulta a nossa acção.

—Conclui-se, portanto, que a situação financeira da Junta não é desafogada? — voltamos a perguntar.

—Evidentemente que não. Que podemos nós fazer com uns escassos 50 contos anuais? Pouco. Positivamente pouco, diz-nos, com certa amargura, o sr. João Inácio Pato. A falta de um maior auxílio oficial é a base das dificuldades que encontramos, para satisfazer o nosso desejo de se prestar maior auxílio aos pobres da nossa terra.

—Verifica-se, pois, que a questão financeira é a parte principal das dificuldades que a Junta encontra, para desenvolver a sua meritória missão?...

—E' o tesoureiro da Junta, sr. Viegas Palma, quem nos esclarece:

—Certamente. É esse o nosso magno problema. Sem verbas apropriadas e entregues nos prazos respectivos, como se verifica presentemente, pois ainda não nos foi entregue, pela Comissão Municipal de Assistência, a primeira prestação que, habitualmente, é feita em Janeiro (e estamos em Outubro), é evidente que muito pouco podem fazer de útil os directores da Junta. Talvez que este facto seja mais um pormenor do fatalismo que tem pairado sobre os membros eleitos para a direcção... Sem receitas de garantia, era certo que teríamos de terminar com a «sopa» que diariamente fornecemos aos indigentes. Não a acabamos, mas diminuímos o número dos assistidos, graças ao auxílio dos subscritores que ainda nos prestam a sua valiosa cooperação.

—Quanto à mendicidade nas ruas, têm sido tomadas quaisquer medidas tendentes a evitá-la?

O sr. presidente da Junta explica-nos:— Já se vê, não nos compete tomar providências decisivas para acabar de vez com esse mal. Dentro do que lhe é possível, a Junta auxilia, na sua sede, os indigentes. Procura conseguir subscritores

em número suficiente para evitar o peditório nas ruas.

Os nossos esforços, contudo, não alcançaram ainda a finalidade desejada. Mas o que fazemos representa já o nosso contributo para reduzir o problema nas suas proporções.

—Pode indicar-nos alguns números representativos da actividade assistencial da Junta? — inquirimos...

A resposta vem prontamente: —No ano de 1952, as nossas receitas não ultrapassaram 50 contos. Destes, gastámos mais de 20 em alimentação para os pobres; concederam-se cerca de 20.000 refeições, beneficiando mais de 50 indigentes, diariamente.

Em outros pormenores de sanidade, dispendemos cerca de 2.000\$00.

Como vê, é muito pouco, em relação ao que era preciso fazer.

Esta troca de impressões estava a prolongar-se. E porque reparámos no excesso de tempo que tínhamos tomado, tanto mais que os nossos amigos necessitavam desse tempo para continuarem a tarefa interrompida, fizemos a última pergunta:

—E' evidente que a Junta deseja melhorar a sua acção social. Poderia dizer, para os leitores do «Notícias do Algarve», no que consiste essa aspiração?

O sr. Viegas Palma remata esta conversação com as seguintes palavras:

—Quando uma Instituição viva em precárias condições económicas, não podem os seus dirigentes acalentar aspirações de grande envergadura. É o nosso caso. Limitamo-nos a manter a obra social existente, embora compreendamos que muito se poderia fazer, desde que se verificasse a colaboração conjunta das entidades oficiais da Assistência com os particulares, uma vez que, isoladamente, pouco se poderá fazer.

Poderíamos, assim, terminar com esse triste facto de alguns indigentes dormirem nos portais, por falta de um albergue em condições. Desejaríamos melhorar em quantidade a «sopa» que diariamente oferecemos aos pobres, e criar a tão falada «refeição económica» para as classes trabalhadoras. E como corolário de tudo isto, ambicionamos poder abrigar, em instalações apropriadas, toda essa velhice, que desamparadamente ainda se arrasta por essas ruas. Tornadas realidade estas justas aspirações sociais, teria chegado o fim do vergonhoso espectáculo da mendicidade.

Mas como individualmente nada podemos fazer, esta Junta está pronta a colaborar, na medida das suas possibilidades com quem quiser empreender uma tarefa de tanta envergadura.

Casamento

Rapaz, boa formação moral, educado, b. situação, deseja conhecer sr.ª ou menina c. bons predicados e alguns meios, para fins matrimoniais.

Assunto máx. seriedade e urgência.

Resposta a este jornal às Iniciais A. S.

Crónica de Lisboa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

impressão de que vai arriscar uma cartada séria e de grandes efeitos futuros. Escolhe cuidadosamente o seu cavalo. Pelo nome. A's vezes por quem o monta. Pelas cores da camisola do «jockey». Mas sempre pesando bem os prós e os contras, sempre medindo bem as suas possibilidades. E depois, quando tomou a sua resolução definitiva, ditada por todo um conjunto de circunstâncias, corre a fazer a sua aposta, antes que se arrependa da sua loucura! «Dez escudos no 3». O bilhete vai depois de mão em mão. A esposa — e foi ela que mais força fez para ir às corridas — ainda diz que foi disparate arriscar aquele dinheiro numa pileca que não tinha probabilidades nenhuma de vencer. As filhas admiram a intrepidez do paizinho.

* * *

Afinal ele sempre tinha razão em escolher o cavalo n.º 3. Aliás logo viu que ele tinha «pinta» de bom trotador. Com respeito a lucros, a empresa revelou-se positivamente sensacional! Imaginem bem que cada dez escudos deram um lucro de vinte e dois mil e quinhentos... E assim o lisboeta vai tendo a sensação de que está num grande Hipódromo, como os de Londres, de Paris ou de Bruxelas, ou como esses que só se vêem nos documentários cinematográficos.

* * *

As senhoras e as meninas — e os cavaleiros pedantes — aproveitam o intervalo entre as corridas para se pavonearem bem à vista de todos. E reparem que se não podem queixar, porque na verdade os intervalos são bastantes e bastante longos. As corridas decorrem com um interesse muito reduzido, não só porque o percurso não permite uma boa apreciação da posição dos concorrentes, como também porque quem veio para ser visto, muito dificilmente consegue coordenar esse desejo com o simples acto de ver.

* * *

Os vencedores passam depois, ainda montados, pelo meio da assistência, mas as palmas são escassas, e mesmo essas poucas são frias e inexpressivas. Há mesmo alguns triunfadores que passam completamente desapercibidos e tristemente ignorados. Não é propriamente a tão cantada «glória do triunfo», mas foi o que se pôde arranjar... Até os cavalos, se falassem, se haviam de queixar deste ambiente tão frio e tão pouco excitado, e não deixariam, por certo, de lamentar o esforço que tinham feito. E tinham razão!

* * *

A's sete e tal, a multidão principiava a dispersar-se. Levantaram-se mais núvens de pó e rasgaram-se mais meias, mas que importa? Todos se viram uns aos outros, e à noite, todos contarão aos que não foram a Cascais: «Estava lá Fulana... Tinha um chapéu horroroso!» E há-de haver uns ingénuos que perguntarão: «E as corridas?» A resposta é que talvez seja desconcertante...

—As corridas? Oh, Chica, tu viste as corridas?

João A. Mendes Leal

A RIQUEZA DO MAR DE ANGOLA

ENTRE as várias riquezas de Angola, ocupam destaque do relevo as 66 pescarias na província de Benguela. São outras tantas colmeias de trabalho e formam, no seu conjunto, um dos mais importantes factores do progresso de Angola. Marca esta indústria da pesca um lugar à parte na contribuição para o enriquecimento e desenvolvimento desta parcela do nosso território nacional. Deve-o não só à iniciativa dos que por aqueles areais — da foz do Rio Longa, a Norte, à foz do Rio Cangala, a Sul, limites geográficos da província de Benguela na costa do mar atlântico — espalharam seus capitais, na esperança legítima de uma multiplicação, nunca assegurada e na certeza, nunca desmentida, de criarem novas canseiras, mas também a esse prestigioso Organismo à volta do qual, em boa hora, se agruparam depois de o criarem: Grémio dos Industriais de Pesca e seus Derivados da Província de Benguela.

O ano de 1952, segundo nos mostra o Relatório deste Grémio, agora publicado, figura em quinto lugar no quadro das produções do peixe, estabelecido desde 1938, com 10.133.652 toneladas; em terceiro, desde 1940, no de óleo de peixe, com 1.383.857 toneladas; e em primeiro, também desde 1940, no de farinha de peixe, com 14.818.611 toneladas.

A cabeça dos mercados compradores de peixe seco, durante o ano de 1952, em quantidades, figura Angola com 174.678 malas, no valor de 17.405.488,00 angolares, seguindo-se logo o Congo Belga com 120.710 malas, que renderam 17.469.711,40 angolares. Figura em terceiro lugar, a província de S. Tomé e Príncipe, com 20.675 malas, no valor de 2.863.268,50 angolares; Moçambique e Congo Francês, com menores quantidades, num total de 323.897 malas, no valor de 38.747.517,90 angolares.

Feira da Praia

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

automóveis eléctricos girarão enquanto os relógios, que contam os períodos de 3 minutos, se adiantarão a uma velocidade de 30 minutos por hora!... As «riças» do alumínio, como em toda a parte, terão o seu público fiel, mirando, com simpatia e íntima esperança, as frigideiras e as painelas reluzentes — e não faltarão os entusiasmados do «jogo do rato»... caindo na ratoeira!

Não faltará também o habitual curioso, bastamente especializado no assunto, que, à noite, vá procurar, na lona dos camarins dos circos, buraco ou nesga onde possa colar o bugalho do olho, sófrego de curiosidade — a pedir marmeiro!

Entretanto, quer de manhã, quer à noite, todas as «afilhadas», possíveis e impossíveis, com magna representação de Monte Gordo, assinalarão bravamente a sua presença, de peito feito... às «feiras»!

Enfim, três dias sempre agradáveis de diversão, de bom negócio — e, principalmente, de boa paz e suave descanso para os moradores da avenida...

Os derivados de peixe tiveram os seguintes mercados: *Farinha* — América do Norte, com 13.468.654 quilos, no valor de 42.327.505,22 angolares; Bélgica, com 300.000 quilos, no valor de 1.012.440,00 angolares; Angola, com 77.990 quilos, no valor de 171.940,00 angolares; seguem-se S. Tomé e Príncipe, Congo Belga, Moçambique, com menores quantidades, totalizando 13.892.495 quilos, no valor de 43.655.990,17 angolares.

O óleo de peixe teve na Alemanha Ocidental o único mercado externo, com 500 toneladas, no valor de 1.450.002,92 angolares. Angola adquiriu ao Grémio apenas 3.865 quilos, no valor de 28.885,00 angolares.

Além, portanto, do contributo para a exportação, dado pelas produções angolanas de milho, açúcar, café, feijão, crueira, madeiras, sisal, óleo de palma, coconote, diamantes e algodão, para não citar outros, a pesca e os seus derivados estão aproximando-se de resultados satisfatórios, a que não é estranho o enorme desenvolvimento, que nesta província ultramarina se está acentuando cada vez mais.

Tendo em conta os mercados exigentes, verificamos, com satisfação, que a farinha de peixe, por exemplo, fabricada com espécies piscícolas menos próprias para a secagem, atingiu nos últimos anos um elevado valor e é, como o óleo de peixe, a que anda intimamente ligada, um índice da crescente valorização das indústrias ligadas ao mar de Angola.

A. L.

Um alvitre

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

poder ser removida na altura própria, para se fazerem as culturas habituais, não se deixando, assim, improdutivo o terreno, na época em que este pode ser utilizado para outros fins.

Em nosso entender, o agricultor a quem a nossa sugestão seduza deve primeiro aconselhar-se com um técnico — agrónomo ou regente agrícola — e fazer um ensaio com uma pequena estufa, obtendo assim, por experiência directa, os ensinamentos, que lhe permitirão uma exploração racional e lucrativa.

E' curioso que já alguém (um negociante de frutos de Lisboa) pensou adquirir terreno nas nossas hortas para se lançar na cultura de tomates em estufa. Não sabemos se o citado indivíduo chegou a fazer qualquer diligência nesse sentido.

O consumidor lisboeta ficaria muito agradecido aos nossos agricultores, se estes lhe pudessem fornecer tomate a 10\$00 ou 12\$00 o quilo, na época hiberna, em que o tem de pagar por preço elevado, com a desvantagem do fruto chegar ao Continente já inferiorizado na sua pureza sávida.

Tratando-se de um produto especial, havia toda a conveniência do mesmo ser apresentado com certo requinte, o que contribuiria ainda mais para a sua valorização. Assim, o fruto devia ser embrulhado em papel de seda, com o nome do produtor e o local da produção, acomodando-o depois em pequenas grades de madeira, iguais às que nos expõem a Madeira e as Canárias. Desnecessário será dizer que, para esta cultura, conviria escolher uma semente apropriada, da qual se obtivessem frutos com o menor número de rugas e agradáveis à vista.

Se este nosso alvitre for aproveitado por algum agricultor de iniciativa, cremos que se terá prestado um óptimo serviço às nossas hortas e também a essa expoliada vítima, que somos todos nós, os consumidores.

J. B.

● VIDA DESPORTIVA ●

FUTEBOL

S. Domingos, 1-Lusitano, 0

Em prosseguimento do Campeonato Nacional da II Divisão, realizou-se, no passado domingo, na Mina de S. Domingos, o encontro de futebol entre o representante daquela localidade e o Lusitano.

Sob a arbitragem do sr. Inocêncio Calabote, os grupos alinharam: S. DOMINGOS — Valentim; Cipriano, Martins, Lopes; Godinho, Calvino; Barão, Severino II, Severino I, Amâncio e Vasques.

LUSITANO — Balbino; Rui, Jorge, Reina; Rodolfo, Agostinho; Andrade, Raimundo, Antunes, Modesto e Júlio.

Desde o primeiro ao último minuto, assistiu-se a um futebol (?) sem a menor parcela de «associação». Talvez a necessidade dos dois pontos provocasse um particular nervosismo em todos os jogadores, que os tivesse impedido de jogar o que sabem. Mas nem mesmo essa razão pode justificar o mau futebol praticado.

Ambos os grupos jogaram de maneira muito semelhante. Com falta de ligação e de entendimento entre os seus compartimentos e supremacia das defesas sobre os ataques.

Logo nos primeiros minutos, o avançado-centro do S. Domingos, recebendo uma excelente passagem de Calvino, esgueirou-se a Jorge, mas, por ter descaído demasiado sobre o lado esquerdo, inutilizou a primeira ocasião de bater Balbino.

Momentos volvidos, os lusitanistas tiveram um pontapé à barra da baliza adversária e, na recarga, o jovem Raimundo atirou forte, mas na direcção de Valentim.

A excepção de uma ou outra ocasião criada por Júlio, que perdeu um momento soberano de marcar, mais nenhuma oportunidade de gol existiu.

O ponto da vitória dos visitados, obtido fortuitamente, aos 2 minutos da segunda parte, foi originado num desentendimento entre Jorge e Balbino.

Até ao fim do desafio, um elemento do Lusitano houve que, encarnando de uma maneira magnífica o «querer» dum desportista, em defesa do prestígio da camisola que enverga, tentou, num esforço inglório, mudar a feição do jogo. Referimo-nos ao médio Rodolfo. Grande exemplo de tenacidade ofereceu este atleta a todos os espectadores... a colegas e adversários!...

F. G.

Farense, 3 — Desp. Beja, 1

A contar para a 3.ª jornada do Campeonato Nacional da II divisão, defrontaram-se, em Faro, os grupos do Sporting Clube Farense e do Clube Desportivo de Beja, que alinharam da seguinte maneira:

FARENSE — Ventura, Celestino, Américo, J. Joaquim, Artur, Atraca, Agostinho, Lopes, Galho, José Maria e Queimado.

BEJA — Bailão, Passinhas, Paixão, Camirunga, Casieles, Soares, Sanina, Calceteiro, Marcelino, Alonso e Brás.

Arbitro: J. Pimentel, de Évora. Digno de nota, o reaparecimento, nos farense, de J. Joaquim e do espanhol Celestino, que jogou admiravelmente. No C. D. de Beja, nota-se a presença dos espanhóis Alonso e Camirunga a valorizarem a turma alentejana.

O 1.º tento dos locais foi conseguido por Agostinho, a concluir uma boa passagem de Lopes. Aos 20 minutos do 2.º tempo, Agosti-

nho centrou com boa conta, por alto, e José Maria, num bom golpe de cabeça, logrou o 2.º tento da sua equipa.

Os visitantes responderam com boas avançadas, tendo Alonso perdido uma excelente oportunidade de marcar.

Foi, porém, o Farense que voltou a marcar, por intermédio de Agostinho, com culpas para Bailão, mal batido num pontapé fraco.

O gol dos alentejanos foi conseguido por Brás, em jogada individual.

Os farense fizeram um bom jogo, tendo sobressaído a excelente actuação de Celestino e J. Maria.

Os visitantes bateram-se sempre com muita energia e mostraram poder ser adversário perigoso, no seu campo.

A arbitragem do sr. João Pimentel pode ser considerada muito boa.

No final do encontro, ouvimos, nalgumas declarações, o conceituado técnico do Farense, José López.

Começou por nos dizer: — O jogo foi bem disputado por ambas as equipas. Ganhou aquele que melhor jogou. A arbitragem foi boa, pois gostei imenso. Eu espero dos meus rapazes muito mais do que mostraram. E' necessário para isso esperar, pois ainda estamos no começo. Os rapazes de Beja são excelentes desportistas, pois jogaram com lealdade.

E acrescentou: O jogo que vamos realizar, domingo, em Montemor, mostra-se difícil, pois cada um em sua casa é rei; no entanto, espero um empate, pois é necessário que, para isso, os meus rapazes se empreguem a fundo.

O valoroso futebolista Artur, do Farense, terá finalmente a sua festa de homenagem, no dia 25 de Dezembro. Bem a merece, pois é um desportista exemplar e esperamos, por isso, que todos contribuam naquele dia para a festa de Artur. A frente da comissão de homenagem, encontra-se o ilustre

vice-presidente do clube, sr. major Madeira.

Diz-se que Artur abandonará o futebol, e que será Ventura, actualmente a residir em África, o seu substituto.

O Farense contratou, para as suas fileiras, um jogador de Vila Real de Santo António, que joga no lugar de extremo esquerdo. Ao que parece, é um jovem de grande futuro.

Portimonense, 1 — Olhanense, 0

Em Portimão, o Olhanense foi derrotado pela diferença mínima. Não há dúvida de que os antigos campeões do Algarve se portaram bem, pois o gol foi marcado de grande penalidade. O Olhanense perdeu por graves erros de arbitragem.

O Olhanense entrou a jogar com a tática dos quatro em linha, com Grazina a terceiro defesa. A tática talvez infligisse no resultado, pois no segundo tempo os técnicos mudaram-na.

Resultados da 3.ª jornada:

C. U. F.—União Sport	0-1
Montijo-Luso	3-2
Juventude-Almada	2-1
S. Domingos-LUSITANO	1-0
Farense-Desp. de Beja	3-1
Portimonense-Olhanense	1-0

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
União Sport	3	3	—	10	1	6
Sporting Farense	3	2	1	—	7	4
Portimonense	3	2	—	1	8	4
Olhanense	3	2	—	1	5	1
Juventude	3	2	—	1	3	4
Montijo	3	2	—	1	8	5
Almada A. C.	3	1	—	2	4	6
S. Domingos	3	1	—	2	2	5
C. U. F.	3	1	—	2	8	8
LUSITANO	3	1	—	2	4	5
Luso	3	—	1	2	4	11
Desp. de Beja	3	—	3	—	2	11

Jogos para hoje:

Olhanense - C. U. F.
Almada - Portimonense
LUSITANO - Juventude
Luso - S. Domingos
Desp. de Beja - Montijo
União Sport - Farense

● COLUMBOFILIA ●

Como são realizadas as competições entre pombos correios?

SÃO os simpatizantes com o desporto columbófilo frequentemente forçados a responder à pergunta que serve de subtítulo.

De facto, para o leigo em columbofilia, o processo de achar o vencedor das competições é motivo de algum espanto, por confuso.

Depois de explicado, ainda por vezes há quem não compreenda bem.

Por acharmos que o assunto pode oferecer algum interesse aos leitores de «Notícias do Algarve», tentaremos dar uma ideia, tanto quanto possível exacta, dos processos seguidos e da técnica empregada, desde que o pombo sai do pomal, até ser classificado.

Começaremos por esclarecer que o pombo é identificado pela anilha federativa, que lhe é colocada ainda em «borracho» (6 a 10 dias depois de nascido).

Esta anilha, de alumínio, portadora de um número, jamais poderá ser mudada, visto não ser possível, porque a pata do pombo adulto não o permite. A anilha

fica sendo, portanto, o cartão de identidade do pombo correio.

Não é possível inscrever o pombo em concurso, se não estiver «recensado». O recenseamento é feito anualmente, enviando se para os arquivos da Federação Portuguesa de Columbofilia o nome do proprietário do pombo, colectividade onde está inscrito e os caracteres físicos da ave.

Ao «Conselho Técnico» das sociedades compete averiguar a legalidade da situação dos pombos, que lhe são entregues para concurso.

O C. T. é formado por 3 sócios, eleitos anualmente e aos quais é atribuída competência técnica e suprema autoridade, na organização dos concursos.

Desde que o C. T. verifique estar tudo em ordem, recebe, em primeiro lugar, o «boletim de entrega». Neste, deve o sócio inscrever a quantidade de pombos que manda, seus números, cor e sexo. Seguidamente, os pombos são entregues para «anilhamento». Este é feito com anilhas de bor-

SUBSÍDIOS

PARA A HISTÓRIA ANTIGA E MODERNA

DE VILA NOVA DE CACELA

FOR
MANUEL DOS SANTOS CABANAS

FORAM três os tremores de terra que, nos tempos modernos, mais vítimas e ruínas causaram no Algarve.

Foram eles: o de 6 de Março de 1719, o de 27 de Dezembro de 1722 e o de 1 de Novembro de 1755.

Cacela sofreu muito com estes terramotos. O último, principalmente, causou no Algarve incalculáveis prejuízos, em especial, no litoral de toda a província. Além dos estragos materiais, calculam-se em 70.000 as vítimas no país, sendo entre elas alguns milhares de algarvios.

Ouçamos o que nos conta Silva Lopes acerca destes três abalos de terra: «No primeiro, já foram consideráveis os estragos, tendo arruinado muitos edifícios.»

«O segundo começou das 5 para as 6 horas da tarde, no cabo de S. Vicente, vindo a sofrer mais as povoações de Portimão, Lagos, Albufeira, Loulé, Faro, Tavira e Olhão. Morreram muitas pessoas e desapareceram muitos edifícios. No rio de Tavira, atastaram-se as águas, de forma que uma caravela, que ia saindo a barra fora, ficou em seco por muito tempo, dando ocasião a que a tripulação saísse para terra a pé enxuto. Supõe-se acontecer tão extraordinário abalo de terra por causa de uma grande quantidade de fogo que rebentou no mar, entre Faro e Tavira, porque muitas pessoas viram subir as chamas de entre as águas, que fizeram estrondo como impelidas por uma violenta tempestade. Já a esse tempo, a vila de Santo António de Arenilha nada sofreu, porque deixara de existir. O mar havia-lhe lambido os prédios, dos quais, apenas, a esse tempo, existiam as ruínas, que o segundo terramoto fez desaparecer.»

O terceiro, foi o mais violento. Quase todas as terras algarvias sofreram horivelmente, vendo os seus edifícios destruídos e muitos cadáveres nos escombros.

Simultaneamente, três milhões de quilómetros quadrados entraram em movimento com uma violência surpreendente. A força potencial deste estranho fenómeno foi tal, que as águas do mar subiram a mais de 14 ou 15 metros de altura, segundo se acha escrito.

«Ouviu-se, — escreve Silva Lopes —, um trovão súbito e logo, passados 3 ou 4 minutos, principiou a tremer a terra com espantosa violência; o mar recolheu-se em seco, arremetendo imediatamente para terra com tanto ímpeto, que entrou por ela dentro mais de uma légua, sobrepujando as mais altas rochas, tornando a retirar-se e a romper por três vezes, em poucos minutos, arastando, no fluxo e refluxo, enormes massas de penhascos e deixando por isso arrasadas quase todas as povoações marítimas.»

Cacela sofreu muito; caiu a sua igreja, caiu o seu castelo, caiu o edifício da Câmara e caíram as poucas casas que ainda existiam. Os alicerces e vestígios de uma grande povoação, encontrados, por Estácio da Veiga, ao norte da igreja, de que nos dá notícia no seu livro, «Antiguidades Monumentais do Algarve», são, sem dúvida nenhuma, os restos do que ainda existia nessa época, da importante vila de Cacela, dos primeiros tempos da monarquia portuguesa e que o abalo de terra fez desaparecer para sempre.

A este terramoto refere-se o prior Duarte Correia de Freitas, numa carta que se encontra arquivada na Torre do

racha, devidamente numeradas. O número de que são portadoras é absolutamente confidencial e conhecido apenas pelo C. T.. Compreende-se que assim seja, pois é por meio destas anilhas que será encontrado o vencedor.

Tão depressa o pombo chegue, o amador apressar-se á na recolha da anilha de borracha, a fim de «comprovar», com a máxima rapidez. Grande número de concursos são decididos pela rapidez da comprovação. Esta é feita pelo amador, introduzindo a anilha num pequeno aparelho, que registará, por um complicado sistema de relogeria, o dia, hora, minuto e segundo exactos da chegada.

Terminada a comprovação, depois de expirado o prazo a isso destinado, o C. T. recolhe os aparelhos para proceder à última fase do seu trabalho: a classificação.

André Roque

Tombo, escrita de Cacela e datada de 1758.

Diz ele o seguinte: «Hé esta villa terra do Reyno do Algarve e Bispado de Faro, comarca de Tavira, villa à parte e com seu termo; hé uma só freguesia, com prior e ajudador posto pelo Ordinário; ainda que no seu termo entra parte da freguesia do Deleite, com capellão, posto pela Ordem, e entra também a freguesia do Azinhal, com seu cura, posto pelo Ordinário (Bispo) e ambas as freguesias do termo de Castro Marim. Tem esta freguesia duzentos e noventa e hum fogos e setecentas e duas pessoas grandes e cento e vinte e seis pessoas pequenas, somente de confissão, e todas vivem em quintas e fazendas, e as da serra em sesmarias. O orago da Villa hé ao presente Nossa Senhora da Assumpção, sendo antigamente Santa Maria, como ainda hoje se pratica nos precatórios, que veem da Mesa da Consciência e Ordens, por ser cabeça do Mesrado e tem annexa a comenda da dita Villa de Castro Marim e a da Villa de Alcoutim.

Tem Capella Mor, que se acha cahida, pelo terramoto passado, e o corpo da Igreja se vai rectificando à custa dos fregueses e nelle tem à face na frontaria o Altar do Nome de Jesus, para a parte do meio dia e na parede da mesma parte o Altar das Santas Almas e o de Santo António, e na frontaria à face da parte do Norte tem o Altar de Nossa Senhora do Rosário e na parede da mesma parte huma capella funda de N. Senhora dos Mártires, onde costuma estar o Santíssimo Sacramento. Tem três naves e três confrarias com a sua irmandade, as quais são do Santíssimo Sacramento, Rosário e Almas.

«Tem huma chamada Casa de Misericórdia, a qual não tem criação régia, e só o que se acha, é que foi benziada a igreja por Ordem do Bispo Dom Francisco Barreto, e nesse mesmo tempo fizeram a irmandade em 17 de Novembro de 1685.»

«Hé tradição que d'ella sahiram várias familias e a mais conscia hé a familia do Ex.º Pedro Mascarenhas e Cortes Reais. Teve os privilégios dos moradores de Lisboa, dados por El-Rei D. Diniz em 17 de Julho do ano de 1283, que hoje estão perdidos por inércia dos seus moradores, e o mesmo Rey deu a terra à Ordem de S. Thiago.»

«Tem um castelo ao pé da igreja, que padeceu grandes ruínas no Terramoto do anno de 1755, o qual está quasi reparado, e as cinco casas e as da Câmara de que só conta a dita villa estão quasi reparadas.»

Por esta elucidativa carta, se pode avaliar bem a decadência a que chegou a histórica vila de Cacela, conquistada por D. Sancho II e D. Paio Peres Correia aos Mouros, e que foi cabeça de Comenda e do Mestrado da Ordem de S. Thiago.

Os números, indicados pelo prior Duarte Correia de Freitas, dão-nos a ideia exacta, quanto à sua reduzidíssima população.

Neste estado a encontrou o Marquês de Pombal, quando mandou construir Vila Real de Santo António.

«Notícias do Algarve»

Conforme oportunamente informamos os nossos estimados assinantes, estão à cobrança os recibos referentes à 2.ª Série, n.º 11 a 20 do nosso jornal, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Aos assinantes das Colónias Portuguesas, e bem assim do Estrangeiro, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

Preço de Assinaturas:

Continente	
Séries de 10 números	9\$90
» » 20 »	19\$90
» » 50 »	49\$50

Ilhas e Colónias Portuguesas	
6 meses	28\$80
Um ano	57\$60

Estrangeiro	
Um ano	90\$00
Pagamento adiantado	